

Trabalhos Científicos

Título: Perfil Epidemiológico De Lesões Autoprovocadas Em Adolescentes Por Raça E Sexo No Rio Grande Do Sul: Análise De Dados Do Datasus (2010–2024)

Autores: GUILHERME SIERVO BERSAGUI (PUCRS), BRUNO WIENANDTS GENEHR (PUCRS), GABRIEL RAMOS PIANTA (PUCRS), GONÇALO SITA DA SILVA (UFPR), LUCAS GASPARY FERREIRA (PUCRS), LUIZ EDUARDO DE COSTA GÓES (PUCRS), MARCELO NEVES LUBIANCA (PUCRS), MARCO ANTÔNIO ALBINI VALER (PUCRS), MILTON PAULO JAUREGUY BURMANN (PUCRS), PEDRO HENRIQUE POLANCZYK ROHDE (PUCRS)

Resumo: As lesões autoprovocadas em adolescentes representam um grave problema de saúde pública, associadas a sofrimento psíquico e risco de suicídio. Fatores biopsicossociais, desigualdades raciais e de gênero influenciam sua ocorrência. Conhecer o perfil epidemiológico das notificações é fundamental para subsidiar estratégias de prevenção e cuidado. Analisar a frequência e a taxa de notificações de lesões autoprovocadas entre adolescentes de 10 a 19 anos no Rio Grande do Sul entre 2010 e 2024, segundo raça/cor e sexo, utilizando dados abertos do DATASUS e do IBGE. Estudo observacional descritivo, baseado em dados públicos extraídos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e do Censo Demográfico do IBGE (2022). Foram incluídas todas as notificações de lesões autoprovocadas entre adolescentes de 10 a 19 anos no período de 2010 a 2024, discriminadas por raça/cor e sexo. A análise considerou também dados populacionais para o cálculo das taxas por 100 mil habitantes. Não houve identificação de local específico nem necessidade de submissão ao Comitê de Ética, por tratar-se de dados agregados e de domínio público. Entre 2010 e 2024, foram notificadas 25.778 lesões autoprovocadas entre adolescentes de 10 a 19 anos no Rio Grande do Sul, sendo 77,3% em meninas (19.931) e 22,7% em meninos (5.846). A maioria das notificações ocorreu entre adolescentes brancos (80,2%), seguidos por pretos (9,8%), pardos (5,9%), indígenas (0,4%) e amarelos (0,4%). Ajustando-se pela população de cada grupo (IBGE 2022), as taxas por 100 mil habitantes evidenciaram disparidades significativas. Entre as meninas, a maior taxa foi entre indígenas (4.384,82), seguida por brancas (4.112,09) e pretas (4.110,16). Nos meninos, indígenas também lideraram (2.192,98), seguidos por pretos (1.351,13) e brancos (1.125,77). A população amarela apresentou as menores taxas em ambos os sexos. De modo geral, as meninas apresentaram taxas consistentemente maiores, com até seis vezes mais notificações, especialmente entre brancos e pardos. Adicionalmente, foram registrados 899 óbitos por lesões autoprovocadas entre 2010 e 2023, sendo a maioria em meninos (653, 72,6%), sugerindo maior letalidade dos métodos ou subnotificação neste grupo. O pico de mortes foi em 2016 (79). Houve ainda uma crescente nas notificações ao longo do tempo, com pico em 2023 (3.269), podendo estar relacionado a maior vigilância, agravamento de questões da saúde mental pós pandemia e maior visibilidade do tema. Entre 2010 e 2024, as lesões autoprovocadas foram mais frequentes em meninas, especialmente brancas e indígenas, enquanto meninos apresentaram maior letalidade. As elevadas taxas na população indígena e as disparidades entre raça/cor e sexo apontam desigualdades que demandam ações de saúde. O aumento das notificações pode refletir maior vigilância ou agravamento das questões de saúde mental pós-pandemia. É essencial implementar políticas públicas integradas em saúde mental para adolescentes.